

O DIALOGISMO E A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS NA CONSTRUÇÃO DE UM “PROJETO DE DIZER” DE ALUNOS TRABALHADORES¹

Paulo Roberto ALMEIDA

RESUMO *Assumindo a noção de sujeito como um ser sócio-histórico que manipula com e sobre a linguagem e que, ao construir um discurso a partir de outro, imprime sua marca a um já-dito, este trabalho tem como objetivo investigar nos textos produzidos por alunos-trabalhadores de escola técnica profissionalizante: i) as marcas, estratégias e recursos expressivos manipulados por alunos-sujeitos em trabalho com a linguagem; ii) as marcas que apontem a dialogia com outros textos (intertextualidade) e com outros dizeres com que já tiveram contato (interdiscursividade). Pretende, ainda, contribuir para as discussões em torno da construção de uma prática que possibilite ao aluno construir o seu “projeto de dizer”; em que se considere, portanto, o aluno como agente social no trabalho social de construção de sentidos no processo da leitura e da construção de textos escritos.*

SUMMARY *This research assumes subject as socio-historical being - different from the powerful subject or the “useless”one - just a historical being who operates on language, produces his own discourse by taking words from the “other”, and is able to put his individual marks into the other’s “saying” too. This work investigates: (i) the marks, strategies and expressive means operated by subjects at work with language; (ii) the marks which may point out dialogy with other texts (intertextuality) and with other “sayings” the students might have come across (interdiscursivity) in texts produced by worker students of a technical public high school. I also intend to contribute for discussions about the construction of a pedagogical practice that may enable the students to construct their own “saying project” which is to be translated into a “power for saying”; this practice should consider students as social agents of their social task to construct meanings in the process of reading and writing*

Incorporando a expressão projeto de dizer, querer-dizer ou simplesmente dizer na perspectiva de Bakhtin e também de Paulo Freire na concepção de construção de conhecimento, este meu dizer procurou refletir sobre a construção de um projeto de

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 27 de agosto de 1998, sob orientação da Profª Drª Raquel Salek Fiad.

dizer de alunos trabalhadores de escola técnica, curso profissionalizante, período noturno, postulando a constituição de sujeitos no trabalho de construção do conhecimento através de um projeto de leitura e produção escrita.

Esse meu dizer é, assim, fruto de um processo em constituição em torno de uma sempre inacabada aprendizagem política de comprometimento com a educação de alunos das classes populares, um dizer constituído de tensão entre denúncia e anúncio; denúncia diante de uma educação que busca sempre subjugar para anular; anúncio de um ‘fazer com’ na construção de um dizer (ainda que incompleto, inacabado) de sujeitos historicamente constituídos.

Um dizer constituído a partir de um querer-dizer de alunos egressos de escolas da rede pública de ensino de 1º grau, sujeitos constituídos pela linguagem, constituidores e constituídos pela língua materna, a qual dominam com competência nas situações comunicativas (sem espantos ou bloqueios). Um dizer de jovens-adultos trabalhadores prematuramente inseridos no mercado de trabalho, buscando um curso técnico-profissionalizante de 2º grau, período noturno, com a perspectiva de ascensão como técnicos em Mecânica ou Eletroeletrônica.

Dentro da concepção bakhtiniana de dialogismo como princípio constitutivo da linguagem e de constituição dos sujeitos, esse meu dizer é permeado pela idéia de movimento histórico na constituição de dizeres. Ao mesmo tempo em que investigo a constituição de sujeitos pela linguagem na relação escrita e mundo no processo de construção da leitura e do texto escrito, mediam-me e constituem-me nessa articulação dialógica o entrecruzamento de várias vozes, num universo de discursos que passa pela Análise do Discurso, pelas vozes de Foucault, Pêcheux, Maingueneau, Bakhtin, por conceitos teóricos como intertextualidade, interdiscursividade, dialogia, polifonia; conceitos da Lingüística Textual, e dentre as diversas concepções de sujeito, a posição bakhtiniana de um sujeito que se constrói dialogicamente no processo de interação social com o outro ou com os outros

Ao assumir aqui um sujeito historicamente constituído, assumo a noção de sujeito defendida por Geraldí (1991; 1996) e Possenti (1988; 1993; 1995): nem o sujeito ‘fonte dos sentidos’, “todo-poderoso”, nem o sujeito assujeitado”, “inútil”, mas um sujeito histórico que manipula com e sobre a linguagem e que, ao construir um discurso a partir de outro, imprime sua marca individual a um já-dito.

Dessa forma, assim como o meu projeto de dizer professor-pesquisador é constituído a partir de um diálogo com outras vozes, com experiências de leituras e leituras de experiências, mediado dialogicamente por um processo de intertextualidade e a partir de contato com outros discursos históricos em circulação (interdiscursividade), o projeto de dizer dos alunos trabalhadores é constituído a partir de uma mediação dialógica com o seu conhecimento de mundo, experiências de leituras através do contato com textos diversos numa prática pedagógica voltada para uma proposta de leitura em torno de eixos temáticos (LÍNGUA, CHOQUE DE GERAÇÕES, FUTEBOL, PARÓDIA/PARÁFRASE; AMOR, DESIGUALDADES SOCIAIS; TRABALHO, JEITINHO BRASILEIRO, SECA E REFORMA AGRÁRIA, LIBERDADE). O corpus foi constituído a partir do dizer dos alunos em torno do eixo temático TRABALHO, através de um trabalho de leitura e produção a partir dos textos TUCA (Lygia Bojunga Nunes), A TECELÃ (Mauro Mota), PRIMEIRO DE MAIO

(Milton Nascimento e Chico Buarque) e, sobretudo, com o texto JOÃO SEM TERRA (Cassiano Ricardo):

Viajar para a lua?
Complexo de quem gostaria de não ter
nascido
na Terra.
Não dele, para quem a lua é rural
Tem a forma de uma foice ou de um fruto.
Não dele, João sem terra
mas sujo de terra.
Procurar outra terra?
Mas em outra terra a mesma lua, a mesma foice
o mesmo coice,
a mesma condição de João sem terra
e - paradoxalmente -
João sujo de terra, sub-João.
Enterro e desterro
palavras que só se escrevem na Terra
com terra.
Poderia ter nascido em outro planeta,
por exemplo:
onde não houvesse terra.
Onde não vivesse tão sujo de terra.
Mas não;
nasceu na Terra.
No fundo do latifúndio os cães latindo.
João sem terra mas sujo de terra.
Corroído pelo pó da terra.
Vestido de chuva e de sol
Girassol que erra de terra em terra.
seu suor em flor mas para
o senhor feudal da terra.
Sem terra mas na Terra.
Sem terra mas sujo de terra.
Não o João Sem Terra
da loura Inglaterra.

Traduziu-se o trabalho, então, numa busca de constituição de um aluno-sujeito que diz a sua palavra e não simplesmente *um aluno que devolve a palavra que lhe foi dita pela escola, não um aluno-função* (cf. Geraldí, 1984:122-3), mas um aluno que, usando a modalidade escrita, cria o seu texto.

A consubstanciação material no processo da leitura e produção de texto escrito de alunos desenvolvido entre os períodos letivos de 1995 a 1997, instigou-me ao desenvolvimento de um processo de investigação que leva em consideração aquilo que é

surpreendente, que causa estranhamento, que produz uma expectativa, conduzindo à formulação de hipóteses. Adoto, então, nesse trabalho, um modelo epistemológico abduutivo de investigação, um *paradigma indiciário*,

Investigo no dizer desses alunos-trabalhadores (i) as pistas lingüísticas que evidenciem as marcas, estratégias e recursos expressivos manipulados pelo aluno-sujeito com e sobre a linguagem e (ii) as marcas deixadas pelo aluno-sujeito que apontem a dialogia com outros textos (intertextualidade) e com outros dizeres com que já teve contato (interdiscursividade) - o rastreamento das ocorrências das marcas textuais que apontam a singularidade de recursos intertextuais e interdiscursivos nos textos de alunos-trabalhadores, cuja história de vida é marcada, concomitantemente, ao longo de onze/doze anos, por um trabalho de produção de bens dentro da comunidade social, em suas mais diversas formas, e submetidos a um ‘trabalho’ de reprodução de bens culturais nas atividades de leitura e produção escrita na comunidade escolar.

Alunos trabalhadores, institucionalmente técnicos “mecânicos”, técnicos “eletrônicos” sim, mas antes de mais nada e, acima de tudo, sujeitos constituídos historicamente, participantes de um processo histórico, que querem e devem ter o direito de construir posições em seu mundo, pois de acordo com Paulo Freire

Não importa em que sociedade estejamos, em que mundo nos encontremos, não é possível formar engenheiros ou pedreiros, físicos ou enfermeiras, dentistas ou torneiros, educadores ou mecânicos, agricultores ou filósofos, pecuaristas ou biólogos sem uma compreensão de nós mesmos enquanto seres históricos, políticos, sociais e culturais; sem uma compreensão de como a sociedade funciona. E isto o **treinamento** supostamente apenas técnico não dá. (Freire, 1992:134).

E.M.R., aluno-trabalhador, entre tantos outros, é um dos sujeitos envolvidos nesse processo histórico, participante desse meu dizer, “leitor [que] trabalha para reconstruir [um] dito baseado também no que se disse e em suas próprias contrapalavras” (Gerald, 1991), que se posiciona como sujeito da enunciação na construção do seu dizer, através da constituição de seu texto escrito:

O trabalhador que retira seu alimento da terra, está atrás de terra, a qual não lhe pertence mas que consome sua vida. a cada trilha que passa, a esperança entrelaçada na erva-daninha do dia. Mas de qual dia?

De todo dia, e também à noite que nos gritos das crianças famintas que talvez não as verão no outro dia.

De acordo com Jolles (1976), todo o trabalho deve possuir um sentido que permita ao homem impor-se, sendo que a compreensão desse sentido deve conduzir o trabalho, como tal, à sua plena realização. Para a compreensão do universo é necessário que o homem nele mergulhe, que o sonde, que intervenha nele para realizar uma seleção, reduzindo a infinita quantidade de seus fenômenos. Assim, ao intervir, aprofunda, reduz, congrega, reúne os elementos conexos, separa, divide, decompõe e repõe o essencial em pequenas pilhas. Como tais elementos não possuem, de início, uma forma

própria, o trabalho do homem consistirá em dar um sentido e uma forma própria ao operar-se a reunião durante a decomposição. Dessa maneira

Os semelhantes encontram-se; só que não constituem conjuntos de pormenores, mas uma diversidade cujos elementos se interpenetram, se unem, se fundem para apresentar uma forma suscetível de ser apreendida como objeto que possui - diríamos - sua validade e coesão próprias. (idem, op.cit.:29)

A esse trabalho de compreensão do universo - do caos ao cosmo - podemos associar o trabalho do aluno-sujeito na constituição de seu texto escrito: a síntese de um “retrato” histórico, a configuração de um ‘microcosmo’, concretizado através do mergulho, sondagem e intervenção diante de enunciados difusos no universo poético de “João sem terra” (Cassiano Ricardo) e de outros discursos em circulação.

Compõe EMR uma crônica (um painel) de um drama social. Dentro de uma perspectiva semântico-discursiva, mobiliza elementos intertextuais e interdiscursivos que imprimirão força argumentativa diante do dilemático quadro social, representado em seu mundo textual. Assim, ao enunciar *O trabalhador que retira seu alimento da terra* (1), implicitamente, dialoga com o texto poético “João sem terra”.

Maingueneau (1987:160) considera que *o argumento da linguagem se apóia frequentemente sobre o implícito: o implícito não é uma lacuna presente em uma alocação que, de direito, deveria ser explicitável, mas constitui uma dimensão essencial da atividade discursiva.*

O binômio homem-terra é recuperado historicamente, dentro do plano interdiscursivo, numa relação de integração homem-terra: é o João sem terra que busca um pedaço de terra não como objeto de posse, mas aquele que umbilicalmente ligado à terra, busca-a para trabalhar para o sustento e sobrevivência de sua família. É o trabalhador *que está atrás de terra [a qual não lhe pertence]* para plantar e retirar seu alimento. Ao binômio, incorpora-se um outro elemento vital para o processo de integração: homem-terra-alimento. Essa mobilização intertextual implicará um movimento discursivo que marcará a posição social do sujeito no processo da enunciação.

Na perspectiva de Maingueneau (1976, apud Koch:1997), *um discurso não vem ao mundo numa inocente solicitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição.* Assim, ao “comentar”, compromete-se o aluno-sujeito com o mundo comentado, construindo seu enunciado com verbos no presente que, numa perspectiva discursiva, desvelam um plano atemporal (presente histórico): remete ao sempre presente drama social dos sem terra.

O texto é constituído por um movimento discursivo, permeado de um intrincado jogo dialético diante de “retrato” histórico paradoxal: um trabalhador, visceralmente ligado à terra, está atrás de um pedaço de terra para dela retirar seu alimento; quer trabalhar, mas só pode fazê-lo numa terra que não lhe pertence, *mas que consome sua vida.*

A seleção lexical da expressão nominal (*trabalhador que retira seu alimento da terra*) e do verbo consumir (*mas que consome sua vida*) aponta para a importância da dimensão interdiscursiva no uso do vocabulário. Uma vida consumida / enfraquecida /

destruída / devorada / aniquilada / por/numa terra que não é sua, trabalhador da terra. Nesse sentido, *enunciar certos significantes implica significar (nos dois sentidos da palavra) o lugar de onde enunciamos (...)* (Maingueneau, 1987:155).

A interrupção (pausa), sinalizada pelo ponto final depois de vida, traço perceptível na refacção textual perpetrada pelo aluno, parece apontar para uma preocupação do aluno com a própria organização textual, mais que com a convenção escrita (observe-se o **a** inicial do enunciado seguinte, grafado com letra minúscula). Ao mesmo tempo, essa intervenção na escrita demonstra o seu domínio e a sua familiaridade com os recursos da expressão escrita.

A contemplação da forma escrita da língua faz com que o sujeito passe a refletir sobre a própria linguagem, chegando, muitas vezes, a manipulá-la conscientemente, de uma maneira diferente da maneira pela qual manipula a própria fala. A escrita é, assim, um espaço a mais, importantíssimo, de manifestação da singularidade dos sujeitos (Abaurre et alii, 1995:12).

A progressão textual é encaminhada pelo enunciado (2) *a cada trilha que passa, a esperança entrelaçada na erva-daninha do dia*, que mostra a incansável e cíclica busca do trabalhador pela terra (*que não lhe pertence*).

Concebendo a linguagem como trabalho, Jolles (1976) diz que, ao mesmo tempo que ela cria, é também uma semente que pode germinar e cultivar. Se a linguagem cultiva, ela também fabrica. Assim, se uma palavra pode realizar-se, também pode gerar o novo, mudando a ordem das coisas. Nesse sentido, para ele, a linguagem fabrica formas ao realizar o ato poético. Ao enunciar (2), apontando para o eterno êxodo do trabalhador da terra em busca de terra, 'fabrica' E.M.R. uma cena enunciativa, através de uma construção metafórica elaborada com elementos lexicais semanticamente configurados dentro do um contexto social enunciado.

Trevisan (1992:14) considera que o *texto consiste num conjunto de enunciados lingüísticos em que os pressupostos, as intenções, os implícitos, somados a fatores situacionais, criam um universo a ser desvelado pelo leitor*.

Nessa perspectiva, a realização do ato poético, realizado através do jogo metafórico no enunciado (...) *a esperança entrelaçada na erva-daninha do dia (a dia)*, implica um processo interlocutivo que conduz o leitor ao desvelamento do universo textual na busca de sentidos possíveis para a (re)construção do mundo textual, através da configuração de conceitos e relações subjacentes ao texto.

O trabalhador que precisa de terra para retirar o seu alimento, mas não a tem, busca-a, numa eterna (des)esperança para plantar e colher seu alimento, em meio à erva-daninha com o qual convive harmoniosamente em seu dia a dia, elemento também constitutivo do processo de integração do trinômio homem/terra/planta. A erva-daninha (assim como o homem da terra) é parte constitutiva da terra. O homem e a erva-daninha estão, portanto, entrelaçados à terra. Ensina-nos Bakhtin:

De fato, a forma lingüística (...) sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou

mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. **A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.** É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (1995:95)

Nessa perspectiva, a erva-daninha, dentro desse contexto ideológico preciso, pode conotar o espectro da injustiça social sempre anunciado que se entrelaça, que se arraiga, que desintegra a esperança do trabalhador sem terra de conquistar um direito inalienável, e assim... 'desintegra-o' da terra.

A interrogação retórica assinalada no enunciado (3) *Mas de qual dia?*, constituída a partir de um processo de refeitura textual, ao mesmo tempo que permite flagrar o instante em que o sujeito demonstra sua preocupação com um aspecto formal relevante para a configuração do universo textual, permite também mostrar que *a relação do sujeito com a linguagem é mediada, desde sempre, pela sua relação com um outro interlocutor fisicamente presente ou representado* (Abaurre et alii, op.cit.:10). Flagrase, portanto, no processo de interlocução, a preocupação do enunciador em trazer para dentro da cena o seu interlocutor.

E eis a 'erva-daninha' que se entrelaça, sufoca a esperança de conquista, desintegra o homem da terra, que o 'desintegra' como homem *todo dia* (4). *A cada trilha que passa* (2) essa erva-daninha sufoca a sua esperança, sem cessar. A expressão adverbial *de todo dia* reforça a ação da injustiça sempre presente onde, ele, trabalhador, passa, fator de aniquilação de sua esperança. Mas, ao mesmo tempo que a expressão adverbial assinala a ação intensa e incessante imprimida pela *erva-daninha*, acentua-a dramaticamente, na marca temporal dia/noite. A ação da erva-daninha assume sua dimensão trágica, seu clímax, *à noite, através dos gritos das crianças famintas que talvez não verão* (vivas) *no outro dia* (Quem, ou melhor, quais pessoas talvez não as verão no outro dia? - seus pais, trabalhadores da terra-sem terra-sem alimento?). O advérbio *talvez* constitui um indicador de modalidade, e mais que uma expressão de dúvida, incerteza, parece manifestar uma premonição diante da ação nefasta da erva-daninha: a desintegração humana. Enfatize-se o forte apelo emocional imprimido à orientação argumentativa, expresso através da expressão nominal *gritos das crianças famintas*, reforçado pelo objeto pleonástico *as*, presente na oração adjetiva *que talvez não as verão no outro dia*.

Assim...eis um texto, não uma mera redação escolar. Um texto produzido por um processo de apreensão de uma cena dramática em meio a um caos social, configurado num universo textual, por um processo de transfiguração poética, demonstrando a capacidade do aluno-sujeito em utilizar e manipular, criativamente, os recursos expressivos de sua língua. Se as marcas individuais imprimidas no trabalho realizado com a língua na construção do enunciado (cf. Bakhtin) implicam a construção de um estilo e, se a construção desse estilo implica a construção de um autor (cf. Fiad, 1997), eis aqui, portanto, um autor constituído.

Trata-se, pois, de um sujeito se completando e se construindo nas suas falas. Os conceitos que vai internalizando (a consciência é sógnica, na expressão de

Bakhtin), as significações, negociadas a cada passo das interações, vão construindo um interdiscurso de que seu discurso é parte (Geraldí, 1989:39).

Assim... assim como Possenti (1993:1), *acredito em sujeitos ativos, e que sua ação se dá no interior de semi-sistemas em processo*; sujeitos que, imiscuindo-se no discurso do outro, deixam a marca de sua presença, dizem algo de si para si e para o outro, sujeitos com competência para manipular os recursos expressivos de sua língua, sem espantos, bloqueios ou conflitos, buscando estratégias lingüísticas e textuais para a realização de seu dizer.

BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, FIAD, MAYRINK-SABINSON. (1989). A relevância teórica dos dados singulares na aquisição da linguagem escrita (Projeto integrado de esquisa). In: **Trabalhos de Lingüística Aplicada**, 25, Campinas, UNICAMP, IEL/DLA, 1995.
- BAKHTIN, M. (1995). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec (original russo de 1929).
- FIAD, R. S. (1996). (Re)escrita e estilo. In: ABAURRE et alii. **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.
- FREIRE, P. (1992). **Pedagogia da esperança - um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GERALDI, J. W. (org.). (1984). **O texto na sala de aula: leitura e produção** Cascavel (PR): Assoeste.
- _____. (1989). Educação e linguagem. In: **Leitura: teoria e prática**, nº 14, Ano 8, dez/1989.
- _____. (1991). **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes. 2.ed., 1993.
- GINZBURG, C. (1987). **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1990). Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras.
- JOLLES, A. (1976). **Formas simples**. São Paulo: Cultrix.
- KOCH, I. G. V. (1997) **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto.
- MAINGUENEAU, D. (1987). **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas (SP), Editora da Unicamp. 2.ed., 1993.
- POSSENTI, S. (1988). **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1993). O sujeito fora do arquivo. In: **As múltiplas faces da linguagem**. Magalhães, I. (org.). Brasília: Ed. UNB (1996).
- _____. (1995) O "eu" no discurso do "outro" ou a subjetividade mostrada. In: **Alfa**, 39: 45-55, São Paulo.
- TREVISAN, E. M. C. (1992). **Leitura: coerência e conhecimento prévio: uma exemplificação com o frame carnaval**. Santa Maria: Ed. da UFSM.